

Dr. Robert A. Peterson, Cristologia, Sessão 1, Introdução Visão geral

© 2024 Robert Peterson e Ted Hildebrandt

Este é o Dr. Robert Peterson em seu ensinamento sobre Cristologia. Esta é a sessão 1, Introdução Visão Geral.

Bem-vindo, eu sou Robert Peterson. Depois de ensinar Teologia Sistemática por 35 anos em dois seminários evangélicos, aposentei-me há cinco anos e ainda estou ativo, meio período, escrevendo e editando. Bem-vindo ao nosso curso sobre Cristologia, e vamos orar antes mesmo de começarmos.

Pai gracioso, obrigado por sua palavra, por se revelar a nós. Obrigado porque sua palavra se concentra em seu filho. Ensine-nos sobre ele, nós oramos, e oramos em seu próprio nome santo. Amém.

Visão geral do nosso curso. Começamos com a introdução, definindo alguns termos, falando sobre o conceito de mistério, do qual a pessoa de Cristo é um dos dois grandes nas Escrituras, e então alguns dos pontos fortes e fracos da Teologia Sistemática. Então, traçando as raízes da nossa compreensão da doutrina de Cristo até a igreja primitiva, trabalharemos com a Cristologia patrística em várias palestras, culminando na grande declaração em Nicéia, Concílio de Nicéia em 325, que afirmou inequivocamente a divindade de Cristo, e então o grande Concílio Cristológico de Calcedônia em 451, que foi o resultado da compreensão laboriosa da igreja da única pessoa de Cristo, que em sua encarnação e para sempre tem duas naturezas.

E então, em futuras palestras, a Cristologia moderna será traçada do Iluminismo do século XVIII até o nosso tempo, e qual abordagem diferente foi tomada então da igreja primitiva, como veremos. E então, finalmente, a Teologia Sistemática, construindo sobre o contexto histórico, e aqui vamos nos concentrar em quatro grandes passagens, e eu queria combiná-las com as doutrinas cruciais da pessoa de Cristo. Então, João 1 e a Encarnação, Hebreus 1 e a divindade de nosso Senhor, Colossenses 1 e sua humanidade, também poderiam ter sido a fonte de um estudo para sua divindade; contém ambos, é claro.

Estudaremos a unidade de Cristo, mas então a quarta grande passagem é Filipenses 2, e esse é o *textus classicus*, o texto clássico dos dois estados de Cristo, o estado de humilhação e o estado de exaltação. Introdução: Primeiro de tudo, deixe-me pelo menos definir alguns termos sistemáticos que usaremos em futuras palestras. Preexistência significa que, embora a humanidade de Jesus tenha começado no ventre de Maria em Belém, ele, como a segunda pessoa da Trindade, existiu por toda a eternidade.

Ele preexistiu à sua existência humana como Deus Filho. A Encarnação é a palavra que usamos para falar do fato de que o Deus eterno e todo-poderoso se tornou um ser humano em Jesus de Nazaré. É um grande milagre, e Deus usou os meios da concepção virginal, tradicionalmente chamada de nascimento virginal.

Tecnicamente, o nascimento de nosso Senhor foi normal. A concepção foi sobrenatural, e é isso que chamamos de nascimento virginal; na verdade, queremos dizer a concepção virginal, que o Espírito Santo fez com que Jesus fosse concebido dentro do ventre de sua mãe Maria. Como resultado da Encarnação, veremos as categorias da divindade de Cristo, que ele é totalmente Deus, distinto, mas igual ao Pai e ao Espírito Santo, e como resultado da Encarnação, ele agora é totalmente homem.

Sua humanidade, estudaremos, é um aspecto negligenciado. Defendemos corretamente sua divindade contra negações liberais e cultuais. Nós desenfatizamos erroneamente sua humanidade como se enfatizássemos que de alguma forma invadissem sua divindade.

Não. Ambos são essenciais para sua pessoa e, como veremos, ambos são essenciais para sua obra salvadora. A unidade da pessoa é melhor compreendida à luz do contexto histórico, que veremos a partir de hoje, se Deus quiser.

Ele é uma pessoa, uma Encarnação sempre sincera com duas naturezas para sempre. A doutrina dos dois estados é um entendimento pós-Reforma; embora os Reformadores não usassem essa linguagem, eles entendiam os conceitos de Jesus. Como Jesus no céu agora é diferente de Jesus na terra? A resposta não é que ele não é mais um homem; esse é um mal-entendido ou concepção errônea comum. A resposta é encontrada na doutrina dos dois estados.

Seu estado de humilhação é tudo, desde sua concepção até seu sepultamento. Que mundo triste para o Filho de Deus ser sepultado. Pense nisso.

Isso é apenas uma acusação terrível do nosso pecado, que ele precisava ser enterrado para nos salvar de qualquer maneira. Seu estado de exaltação é tudo, desde sua ressurreição até sua segunda vinda. Ele é a mesma pessoa, mas sua vida é vivida de forma muito diferente nesses dois estados.

Continuando nossa introdução após definir esses termos teológicos básicos, quero falar sobre o conceito de mistério porque a fé cristã tem dois grandes mistérios. Um é a doutrina da Trindade, e o outro é a doutrina das duas naturezas na pessoa de Cristo. Definirei mistério como um paradoxo divinamente revelado, antinomia, mistério que podemos entender em parte, mas que então vai além da razão humana.

A chave aqui é que é divinamente revelado. A Bíblia ensina claramente que há um Deus em ambos os Testamentos. Na Encarnação, eventualmente aprendemos após sua ressurreição que o Filho também é Deus, e o Pentecostes nos mostra que o Espírito Santo também é Deus. Assim, há um Deus que existe eternamente em três pessoas.

As três pessoas são inseparáveis, e ainda assim devem ser distinguidas. Além disso, são iguais em glória, poder e divindade. E outra ramificação bíblica é que as três pessoas habitam mutuamente uma na outra.

Como Deus pode ser três em um ao mesmo tempo é parcialmente respondido apelando para categorias filosóficas e teológicas. A trindade e a unidade não estão no mesmo aspecto; tudo bem, é verdade, e ainda assim, no final do dia, não podemos compreender completamente. E ainda assim somos confrontados com isso, e acabar negando isso, seja no triteísmo por um lado, deuses múltiplos, o que é absurdo, ou confundindo as pessoas, ou negando a divindade do Filho, ou a personalidade do Espírito Santo, é tão ruim do outro lado.

Então aqui está um mistério divinamente revelado. Deus é três em um. Para usar o termo de Tertuliano, isso pegou.

Ele é um trinitas, uma trindade, três em um. O outro grande mistério revelado por Deus é que o Filho de Deus, após sua encarnação, é uma pessoa em duas naturezas. O bebê na manjedoura é Deus.

O bebê no ventre de Maria é Deus. Como podemos compreender isso? Apenas em parte. Veremos essa parte do trabalho da igreja em sua história e lutando com as verdades das Escrituras, especialmente contra erros.

Diremos em um momento que muito da Cristologia como teologia trinitária é teologia de controvérsia, forjada em meio a disputas, ataques e lutas dos ortodoxos para entender o ensinamento de Deus à luz da heterodoxia. Mas, em última análise, é misterioso que essa pessoa seja Deus e homem ao mesmo tempo. Que ele sabe todas as coisas, como seus discípulos finalmente confessam.

Agora sabemos que você sabe todas as coisas e não precisa que ninguém lhe ensine, dizem nos discursos do cenáculo. Mas o próprio Jesus disse que ninguém sabe a hora de seu retorno, nem mesmo o Filho. Só para esclarecer isso bem rápido, ele disse isso em um estado de humilhação enquanto estava na Terra.

E vamos discutir mais tarde. Ele tem todos os seus poderes divinos na íntegra. Ele não perde nenhum deles.

Isso é chamado de teologia kenosis ou teologia kenótica. Ele as tem por completo. Ele não as desiste.

Mas o que ele cede, repetidamente, é o uso independente deles. Ele se recusa a usar seus poderes fora da vontade do Pai. Ele não fará isso.

Então, ele tinha a habilidade de saber todas as coisas? Sim. Ele exercia isso algumas vezes em seu ministério terrestre? Sim. Sempre? Não.

Ele agora sabe o tempo de seu retorno em seu estado de exaltação? Certamente, ele sabe. Então, a mesma pessoa é onisciente e ignorante. Não podemos compreender completamente.

Ou ele é todo-poderoso, e quando eles vêm prendê-lo, ele diz, eu sou e derruba aqueles que estão vindo atrás dele. E ainda assim ele morre em fraqueza na cruz. E ainda assim ele morre em força na cruz, com um grito, dizendo que está terminado, o trabalho que ele veio realizar.

Dois grandes mistérios da fé cristã são a doutrina da Trindade e a doutrina da pessoa de Cristo, a única pessoa com duas naturezas. Um terceiro mistério que muitos de nós compartilhamos, que entenderiam uma soteriologia reformada, não é tão importante quanto os dois primeiros. Os dois primeiros são essenciais para a fé cristã.

Este não é. Mas meu entendimento é que isso não é tão importante, não é essencial, mas é igualmente misterioso como Deus é absolutamente soberano em sua criação, redenção e consumação, e ainda assim os seres humanos são responsáveis perante este grande Deus ao mesmo tempo. Eu apelaria ao compatibilismo para tentar explicar isso, mas esse é o momento para outro curso.

Eu, portanto, pessoalmente acredito em três mistérios, como os teólogos reformados, mas colocaria esse mistério entre essa complementaridade dinâmica entre a soberania de Deus e a liberdade humana como definitivamente um mistério menor e não um dos dois mistérios essenciais da igreja. Eles são a Trindade e as duas naturezas da pessoa de Cristo. Teologia sistemática é minha disciplina e é sobre isso que este curso trata, em última análise.

É construído sobre um estudo cuidadoso da Bíblia, portanto teologia exegética. É construído sobre o estudo da história da Bíblia conforme ela se desenrola, teologia bíblica. O conteúdo mais importante das palestras dos primeiros dias aqui, as primeiras palestras iniciais, será sobre teologia histórica, que está tentando entender as tentativas da igreja por meio de sucessos e fracassos para entender os ensinamentos da Bíblia fora da Bíblia ao longo dos séculos.

É certamente importante para a Cristologia entender as heresias antigas, por exemplo, já que algumas delas são repetidas hoje por grupos aberrantes. A teologia sistemática é nossa amiga. Ela, como o próprio nome indica, sistematiza.

Ela junta as coisas para nos ajudar a entender, e ainda assim, ao mesmo tempo, tem fraquezas inerentes. Por um lado, ela separa o que Deus juntou. Fiz um curso formal de 20 horas sobre a obra de Cristo, e direi a mesma coisa que disse naquela época.

Então eu disse, estamos estudando sua obra salvadora, mas estamos assumindo que ele é uma pessoa maravilhosa porque eles são inseparáveis bíblicamente. Agora estamos estudando a pessoa de Cristo, ou Cristologia, e eu direi na outra direção. As próprias passagens, aquelas quatro grandes que mencionei, três das quatro, mencionam explicitamente sua obra salvadora.

João 1 não, pelo menos 1:1 a 18. Poucos versículos depois, João Batista o faz, mencionando chamar Jesus de Cordeiro de Deus, que tira os pecados do mundo, apelando ao motivo sacrificial sacerdotal da morte de Cristo nas Escrituras. Mas, certamente, Colossenses 1 fala da morte de Cristo como uma reconciliação.

Filipenses 2 menciona sua morte em termos de seu estado de humilhação, e Hebreus 1 versículo 3, da mesma forma, introduz um grande tema do livro de Hebreus, não ampliado no primeiro capítulo, mas o de seu sacrifício, quando diz que ele fez purificação. Depois de fazer purificação pelos pecados, ele se sentou à direita da Majestade nas alturas. Então, a teologia sistemática não pede desculpas por separar as coisas para que possamos entendê-las, mas sempre precisamos lembrar de juntar de novo o que separamos artificialmente e, esperançosamente, utilmente para entender que a pessoa e a obra de Cristo são inseparáveis, como veremos nas próprias passagens que retratam sua pessoa de forma maravilhosa, mais clara e poderosa.

Mesmo antes de começar a teologia histórica, quero mencionar que, para termos esses conceitos em mente desde o começo, a teologia da Igreja é controversa, especialmente em alguns aspectos dela. É verdade aqui, e desculpe-me, agora encontrei meu lugar. Sinto muito. Voltarei a isso em um momento, mas por enquanto, livros.

Encontrei muitos livros úteis ao longo dos anos. Aqui estão alguns que achei mais úteis recentemente. Klaas Runia, *The Present Day Christological Debate*, claro, não excessivamente acadêmico, caridoso, direto, por um sólido evangélico europeu.

David Wells *The Person of Christ* é um livro muito útil com seus insights característicos sobre os assuntos sobre os quais ele escreve. *The Person of Christ*, de Donald McLeod, foi meu livro-texto por muitos anos, ensinando Cristologia em um

contexto de seminário. É parte de *Contours of Christian Theology*, IVP, de Gerald Bray.

Donald McLeod, *The Person of Christ*, é um livro maravilhoso. Da mesma forma, mais recentemente, Robert Lethem escreveu uma teologia sistemática na qual a Cristologia é muito bem feita e, diferentemente de alguns evangélicos, ele lida com a Cristologia contemporânea de uma forma precisa e, ainda assim, construtivamente crítica. Bob Letham, *Systematic Theology*.

Um livro muito recente é do meu amigo Stephen Wellum. Ele ensina teologia no Southern Baptist Theological Seminary em Louisville. Steve é um homem muito talentoso, e ele nos deu um livro chamado *God the Son Incarnate*, parte da série *Foundations of Evangelical Theology* de John Feinberg; e é um livro forte, muito bem feito em termos de Bíblia, teologia histórica, sistemática.

Ele é até contemporâneo ao abordar o ensino evangélico atual de uma kenosis prática, à qual Steve se opõe fortemente. Boas pessoas estão ensinando isso, e eu estaria no campo dele nessa oposição. Dizem que Jesus tem todos os seus poderes divinos, mas ele nunca os usa, o que parece ser uma kenosis prática para Steve, e eu concordaria com ele nisso. O último livro que mencionei é simplesmente fantástico e excelente além de qualquer menção.

Estou falando de brincadeira aqui. É um livro que co-editei. Só estou tentando ser engraçado.

Acho que não funcionou, mas tudo bem. Christopher Morgan e eu coeditamos um livro sobre a divindade de Cristo, uma parte da nossa série de teologia e comunidade na qual, como em todos esses livros, tínhamos estudiosos bíblicos escrevendo sobre diferentes partes da Bíblia e seu testemunho de Cristo e então tínhamos um teólogo histórico fazendo um capítulo, teologia sistemática e teologia prática, todos os diferentes aspectos, ensaios, em um volume sobre a divindade de Cristo. O nome do livro é *The Deity of Christ in the Theology and Community Series*.

Vou falar sobre classificar Cristologias com a ajuda de David Wells. Ainda estamos introduzindo assuntos aqui. Quero que você tenha uma ideia de onde estamos indo nas palestras históricas porque, de fato, a base da classificação das Cristologias é tão crítica.

As teologias tendem a cair em uma ou duas categorias, Wells nos conta. Elas são construídas em torno da descontinuidade entre o ser de Deus e a ordem criada, ou em torno de sua continuidade. A primeira reconhece a alienação da fé da cultura do Iluminismo, e a última a minimiza.

Essa é, com certeza, uma classificação para a qual há algumas exceções, mas, no geral, é uma boa distinção. Teologias que são construídas sobre descontinuidade aceitam as diferenças entre o natural e o sobrenatural e, de uma forma ou de outra, apresentam sua Cristologia como a invasão do divino naquele domínio que é natural e criado. Elas são quase invariavelmente altas Cristologias, que podem até empregar a linguagem mais antiga da palavra-carne.

Eu distinguirei palavra-carne e palavra-homem conforme as palestras se desenvolvem e que não produzem um iota da divindade de Cristo. Sua cosmovisão acomoda facilmente a presença de milagres, e afirma a necessidade de revelação divinamente iniciada. Teologias que enfatizam a continuidade argumentam que o sobrenatural é revelado dentro do natural, e, portanto, milagres, entre aspas, são frequentemente equiparados ao funcionamento da lei natural.

Para aqueles com olhos para ver, um belo pôr do sol ou a regeneração da natureza na primavera são milagres, enquanto para aqueles sem olhos para ver, o pôr do sol e a primavera são simplesmente o pôr do sol e a primavera. Como a natureza humana é vista simplesmente como um receptáculo natural do divino e como sendo infundida com o divino, a percepção humana é frequentemente considerada o meio da revelação divina. Na hermenêutica bíblica, portanto, o intérprete frequentemente assumirá autonomia do controle do texto no interesse de dar revelação, o que é contemporâneo.

Esta revelação, na natureza do caso, geralmente concorda com, ou pelo menos pode ser tornada compatível com, normas operacionais na sociedade. Isto é precisamente o que se esperaria, pois não há disjunção metafísica ou noética entre Deus e a natureza humana, o sobrenatural e o natural. Cristologias nesta estrutura, que está na estrutura de continuidade entre Deus e a ordem criada, geralmente descrevem Jesus como a perfeição de uma consciência religiosa existente que é comum a todas ou à maioria das pessoas.

Essas Cristologias geralmente se enquadram no padrão da palavra homem, mas um no qual elementos calcedonianos significativos são perdidos. Elas são Cristologias que são construídas de baixo para cima. Elas geralmente começam com o que pode ser conhecido do Jesus histórico, e o divino é concebido dentro dos limites do que é humano.

Isso, é claro, frequentemente resulta no que é divino sendo equiparado e, portanto, definido como insight extraordinário ou profunda consciência moral. Há pouca ou nenhuma união substancial e pessoal entre o humano e o divino, mas, em vez disso, uma infusão do último é vista como tendo ocorrido no primeiro, de modo que uma atmosfera ou aura é criada dentro do Jesus humano, de modo que se pode dizer que Deus habitou nele. Teologias que articulam os temas da descontinuidade são quase invariavelmente calcedonianas em sua perspectiva.

O mundo intelectual moderno é visto como o contexto dentro do qual essa Cristologia deve ser afirmada, mas não um do qual essa Cristologia deve tomar emprestado qualquer parte de sua substância. Os principais representantes dessa abordagem seriam do catolicismo romano tradicional, anglo-catolicismo, ortodoxia grega, protestantismo conservador e algumas partes da neo-ortodoxia. Veremos que Karl Barth está muito alinhado com Calcedônia.

Teologias construídas sobre continuidade aceitam modificações dentro da estrutura calcedônica e veem o mundo moderno como fornecendo não apenas o contexto, mas também a fonte para sua Cristologia. Isso significa que o grau de modificação na Ortodoxia Calcedônica variará em proporção direta à extensão em que a modernidade se tornou teologicamente determinante. Os proponentes dessa abordagem podem ser encontrados no antigo liberalismo protestante, bem como em sua atual recrudescência em pessoas como Langdon Gilkey, Edward Farley e Gordon Kaufman, no modernismo católico e em alguma teologia católica pós-Vaticano II, no pensamento de processo e em algumas das teologias da libertação.

Essa bifurcação, que é bem claramente estabelecida e definida no século XX entre teologias de continuidade entre Deus e a ordem criada e descontinuidade, foi amplamente formulada no século XIX, embora seja o resultado direto do iluminismo no século XVIII. Outra maneira de falar sobre essa classificação importantíssima de cristologias em continuidade ou descontinuidade entre Deus e a ordem criada é falar sobre, e isso é mais popular no jargão, e eu gosto das duas maneiras, é falar sobre cristologias de cima e de baixo. Cristologias de cima começam com a segunda pessoa da Trindade no céu por toda a eternidade com o Pai e o Espírito Santo, certo? Você está comigo? E eles então ensinam que o Filho desceu, você começa de cima, ele se encarnou em Jesus de Nazaré, certo? Essa era a abordagem da igreja primitiva.

Essa foi a abordagem dos reformadores. Essa foi a abordagem dos puritanos. Essa é a abordagem do Evangelho de João, de Paulo e de Hebreus.

Teologias de baixo começam com o homem Jesus. Ok, agora eu distingo entre começar de cima e começar de baixo absolutamente e relativamente, porque Wolfhart Pannenberg, o famoso teólogo alemão, deliberadamente começou de baixo, talvez em contraste com Karl Barth, que desvalorizou um pouco a história no entendimento de Pannenberg. Acho que ele estava certo.

Barth estava reagindo contra o antigo liberalismo, que era muito mais uma teologia de continuidade entre Deus e a ordem criada, e ele enfatizou a descontinuidade. Grenz e Olson têm um bom livro chamado *20th Century Theology*, Stanley Grenz e Roger Olson, e sua tese, que é exagerada, é que uma teologia após a outra é uma reação, e elas enfatizam a transcendência ou a iminência e geralmente enfatizam

demais uma ou outra. Há muita verdade nisso, embora talvez nem todas as figuras se encaixem perfeitamente nisso, mas muitas se encaixam.

O liberalismo mais antigo, a iminência, tanto que brilhantes teólogos alemães e pessoas famosas foram seduzidos pelos ensinamentos de Adolf Hitler sobre o Terceiro Reich e o nacionalismo alemão sendo o reino de Deus. É espantoso. Nove, Barth disse, e ele e outros assinaram a Declaração de Barman condenando Hitler, recusando-se a fazer a saudação a Hitler na sala de aula, e esse tipo de coisa.

É inconcebível para nós que aqueles grandes alemães tenham sido seduzidos por isso, mas eles foram. Eles foram. Eles eram liberais, e eles certamente foram seduzidos pela cultura, mas Barth tentou pregar aquela teologia liberal que lhe foi ensinada, e como ele disse, não funcionou, e então ele descobriu o estranho mundo da Bíblia e pregou isso, e os resultados foram magníficos.

Estou dizendo que sou um barthiano? Não. Ele está certo em todos os aspectos? Não. Seus discípulos são tão ortodoxos quanto ele? Não.

Ele é ortodoxo em todos os aspectos? Não. Ele é uma lufada de ar fresco? Ele trouxe uma nova neo-ortodoxia em seu tempo? Sim, como veremos quando estudarmos sua Cristologia com citações de seus próprios escritos. Só para deixar claro de antemão, problemas.

Seu uso das escrituras é melhor do que sua visão das escrituras, e apesar de seus protestos, parece a todos os outros que sua teologia leva a um universalismo absoluto no final com o triunfo final da graça de Deus. Teologia de cima, Cristologia de cima. Cristologia de cima, de baixo.

Cristologia de cima, Cristologia de baixo. Se você começar absolutamente de baixo, você nunca alcançará a verdade, porque é um mero homem Jesus. No entanto, Pannenberg nos ensinou que se pode começar relativamente de baixo.

Isto é, esse poderia ser seu ponto de partida em termos de polêmica ou apologética, sua apresentação para influenciar pessoas contemporâneas. Pannenberg pensou que essa era a única maneira de alcançar as pessoas hoje, especialmente em seu contexto europeu, e então ele começa com o homem Jesus, mas ele afirma inequivocamente a ressurreição de Jesus dos mortos, o que prova que o ponto de partida final para ele era de cima, mas isso é incomum. A propósito, começar de cima também não é isento de problemas.

Veja, é aqui que os problemas entram. Isso é um mistério. O melhor que uma igreja pode fazer é fazer afirmações reconhecendo o mistério.

Isso é muito importante. Condene erros, então você acaba com parâmetros, certo? Algumas das Cristologias de cima nunca chegaram até o fim. Como veremos, a igreja primitiva às vezes tinha problemas para afirmar a humanidade de Jesus, em alguns casos, nem sequer.

Que mundo diferente. Não temos problemas em afirmar a humanidade de todos, incluindo Jesus, afirmar a humanidade de Jesus completamente, ou afirmar que a humanidade de Jesus tem algum papel a desempenhar em nossa salvação. Então, há erros, possíveis erros, por todo lugar aqui, mas certamente a maneira tradicional de começar de cima está certa, e a própria Bíblia ensina uma descontinuidade entre Deus e a ordem criada.

Embora o Filho de Deus entre na ordem criada em sua encarnação, a propósito, pode-se dizer que o evangelho de Marcos começa de baixo, com Jesus correndo aqui e ali, imediatamente fazendo isso, e imediatamente fazendo aquilo, e imediatamente expulsando demônios, e ensinando, e ajudando, e curando, e assim por diante. Embora para ser completamente direto, o primeiro versículo fala dele como o Filho de Deus, o que me parece uma intimação da abordagem de cima.

Teologia da controvérsia. Grande parte da teologia cristã é teologia da controvérsia. É Deus que usou erros para promover a verdade, para destacar a importância da verdade, para fazer a igreja dizer não, e então lutar para dizer sim, tanto quanto possível.

Esse foi certamente o caso com a Cristologia, e embora tratemos dessas coisas com muito mais detalhes mais tarde. Visão geral. Ataques à divindade de nosso Senhor.

O ebionismo era uma seita judaica, provavelmente a continuação dos judaizantes do Novo Testamento, que negavam a divindade de Cristo abertamente. Ele não é Deus. Mas uma negação muito mais sutil, e cristã, que está dentro da igreja, era o arianismo, no qual ele afirmava que Jesus era o primeiro, que o Filho era a primeira criatura de Deus, a quem então Deus usou para criar.

Então, ele está afirmando certas atividades divinas do Filho, e ainda assim ele disse coisas como houve um tempo em que o Filho não era, e o Filho não é da mesma substância que o Pai, que é a maneira deles de dizer, em última análise, igual ao Pai. A igreja condenou corretamente não apenas o ebionismo, obviamente, mas também o arianismo. Mas houve uma luta, e como veremos, com base na preferência política do imperador do Império Romano, o arianismo foi tolerado por um século depois de Nicéia, em que foi colocado para descansar, supostamente.

E o pobre Atanásio, que era apenas um buldogue ao se apegar à divindade de Cristo, ele nunca deixaria ir. Cinco vezes, ele foi exilado de Alexandria. Cinco vezes, dependendo da preferência do imperador.

Por que ele era imutável? Sua teologia era oriental, ok, e então sua doutrina de salvação é em grande parte, não totalmente, mas em grande parte em termos de deificação. Mas para colocar em nossos termos, para ser capaz de nos salvar, Jesus Cristo tinha que ser Deus. Se ele não é Deus, ele não pode nos salvar.

Esse argumento soteriológico para a divindade de Cristo fez com que Atanásio se mantivesse muito firme, de fato. Ele finalmente venceu, mas foi uma teologia de controvérsia, de fato — ataques à humanidade de Cristo.

A princípio, podemos não considerar essas coisas tão sérias quanto aquelas sobre sua divindade, mas elas são tão sérias. Se sua divindade é crucial porque somente Deus pode nos salvar, sua humanidade é crucial porque somente o Deus-homem pode nos salvar. A expiação não foi feita por Deus no céu.

A expiação foi feita por Deus na terra. Ele era totalmente Deus e totalmente homem em uma pessoa. Um de nossa raça humana morreu em nosso lugar.

Nunca um mero homem, mas o Deus-homem sofreu e morreu para que pudéssemos ser salvos. Ele é o primogênito de muitos irmãos. Ele é nosso precursor.

Ele é o primícias . Docetismo era uma filosofia. Não era um grupo.

Não foi a primeira igreja dos docetistas ou algo assim, e não há nenhum cara chamado Doceo ou algo assim. É uma palavra grega. Significa pensar, parecer ou aparecer, e comum aos vários estranhos do gnosticismo era o docetismo.

Cristo era um fantasma. É difícil de acreditar, não é? Ele não era realmente um homem. Para citar um dos slogans deles, ele era um Deus que andava sobre a terra.

Ele andou sobre a terra. Não, ele era um Deus-homem e andou muito sobre a terra e foi pregado em uma cruz e morreu por pecadores como nós e ressuscitou no terceiro dia. De qualquer forma, esse foi outro ataque frontal, assim como o ataque ebionita à divindade de Cristo.

O docetismo era frontal. O gnosticismo era muito poderoso, como veremos, e a igreja teve que lutar por sua existência porque o gnosticismo se ligava às correntes filosóficas do segundo século, em grande estilo. Eu tinha uma Purchase para um professor em um que disse que se você pudesse voltar em uma cápsula do tempo do segundo século, provavelmente havia mais gnósticos do que cristãos.

Assustador. O apolinarismo é outro ataque à humanidade de Cristo, muito mais sutil. Ele sustentava que Deus se tornou um homem, mas ele levou João 1:14, eu diria, muito literalmente.

A palavra se fez carne. O filho tomou um corpo humano, mas não uma alma humana. Ah, mas espere um minuto.

Na psicologia grega, os seres humanos tinham um corpo, e tinham um princípio animador que lhes dava vida, pensamento e direção. No apolinarismo, a palavra, o logos, tomou o lugar da alma no homem Jesus. Ele é um homem completo? A igreja finalmente disse, não, não, isso não é uma humanidade completa.

E isso está errado. Mais tarde, um dos pais capadóciotes disse que o que não é assumido não pode ser salvo ou curado. Isso é brilhante.

Ele nos salvou de corpo e alma. Ele se tornou corpo e alma. O apolinarismo ensina uma encarnação parcial.

E, no final das contas, também foram ataques errados à unipersonalidade de nosso Senhor. O fato de que ele é uma pessoa com duas naturezas. Mais uma vez, há um mistério aqui na encarnação, e os erros caem de um lado para o outro.

Eutiquianismo, depois de Eutychios, ou monofisismo é outro nome, uma natureza. É isso que monofisismo significa. Um nature-ismo, se preferir.

É um ensinamento confuso, mas negava a distinção entre as duas naturezas na pessoa de Cristo, em última análise. Em última análise, ele tinha apenas uma natureza. Muito confuso.

O nestorianismo, por outro lado, dividiu Cristo em dois. Pelo menos, parecia assim para o oponente de Nestório, Cirilo. E a igreja concordou com ele.

E Nestório e o nestorianismo foram condenados. Não, não há um Cristo híbrido, Eutychios. Isso não é nem Deus nem homem, mas algo mais.

Mas talvez apenas divino com sua humanidade absorvida em sua divindade. Isso não está certo. E ele também não é duas pessoas.

Não, ele é uma pessoa com duas naturezas. Não entendemos completamente o mistério, mas o proclamamos e o guardamos condenando os erros. Por fim, ataques à encarnação.

Um erro chamado adocionismo, nada a ver com o ensinamento bíblico sobre adoção, diz que houve um homem, Jesus, e Deus o adotou e lhe deu o Espírito Santo sem medida. E essa é a chamada encarnação. Isso não é encarnação.

Não há homem, Jesus, à parte da encarnação. Não havia humanidade de Cristo antes de sua concepção no ventre de Maria. Deus não veio e super-habitou um ser humano.

Deus criou um ser humano, se preferir, sobrenaturalmente no ventre da Virgem. Quero ter cuidado ao dizer isso. Maria era verdadeiramente sua mãe.

Ela contribuiu para a humanidade de Jesus, que é o que as mães contribuem para seus filhos. Seu DNA, seus cromossomos, estavam no sangue e no corpo de Jesus.

O kenoticismo é outro erro que ataca a encarnação. Kenosis é uma palavra grega, ou kano é o verbo usado em Filipenses capítulo 2. Ele se esvaziou, e estudaremos isso com mais detalhes mais tarde, mas a noção é que o Filho de Deus possuía todos os atributos divinos, mas ele se despojou de alguns deles quando se tornou um ser humano. Ele se esvaziou de aspectos de sua divindade. Isso é errôneo, e a ortodoxia confessou que ele é totalmente Deus e totalmente homem em uma pessoa, nem sempre usando esses atributos, usando-os apenas na vontade do Pai, mas, no entanto, possuindo-os.

Na verdade, todas essas coisas são mais complicadas. Eu só quero dar a vocês uma e fazer as coisas acontecerem na matéria cinzenta agora que serão mais tarde desenvolvidas em seu contexto histórico, e vocês as entenderão melhor. Mais uma vez, os cristãos evangélicos estão ensinando uma kenose prática hoje, dizendo Jesus, eles estão dizendo corretamente, Jesus fez milagres pelo Espírito Santo.

Isso é verdade. Então eles dizem incorretamente que ele só fez milagres pelo Espírito Santo. Isso não é verdade.

Isso é heresia? Isso é uma doutrina condenatória? Não, mas é uma doutrina errônea. Concordo com meu amigo Stephen Willem nesse ponto. Devemos encerrar nossa primeira palestra aqui, e eu vou apenas introduzir em nossa próxima hora, vamos abordar a Cristologia patrística.

Estudaremos, antes de tudo, antes de Nicéia, as heresias. Aqui estamos novamente com heresias. Heresias judaicas, monárquicas e gnósticas.

É importante entendê-los porque a igreja lutou com eles, e Deus trabalhou a teologia da controvérsia em direção à verdade. Então a ortodoxia, traçando Inácio em seu caminho para o martírio. Ele disse coisas boas sobre Jesus.

Justino Mártir, um dos apologistas. Irineu, origem Tertuliana. Então o grande concílio de Niceia e o arianismo, todo aquele debate e batalha e os resultados, 325 Niceia.

Os desenvolvimentos entre Nicéia e Calcedônia, assim como os falsos caminhos, incluem o Apolinarianismo, o Nestorianismo e o Monofisismo . Você diz, tantas heresias. É assim que é.

Isso é verdade. Então, o grande concílio de Calcedônia em 451, incluindo seus credos e cinco verdades essenciais que vêm dele. Obrigado por sua boa atenção.

Este é o Dr. Robert Peterson em seu ensinamento sobre Cristologia. Esta é a sessão 1, Introdução Visão Geral.